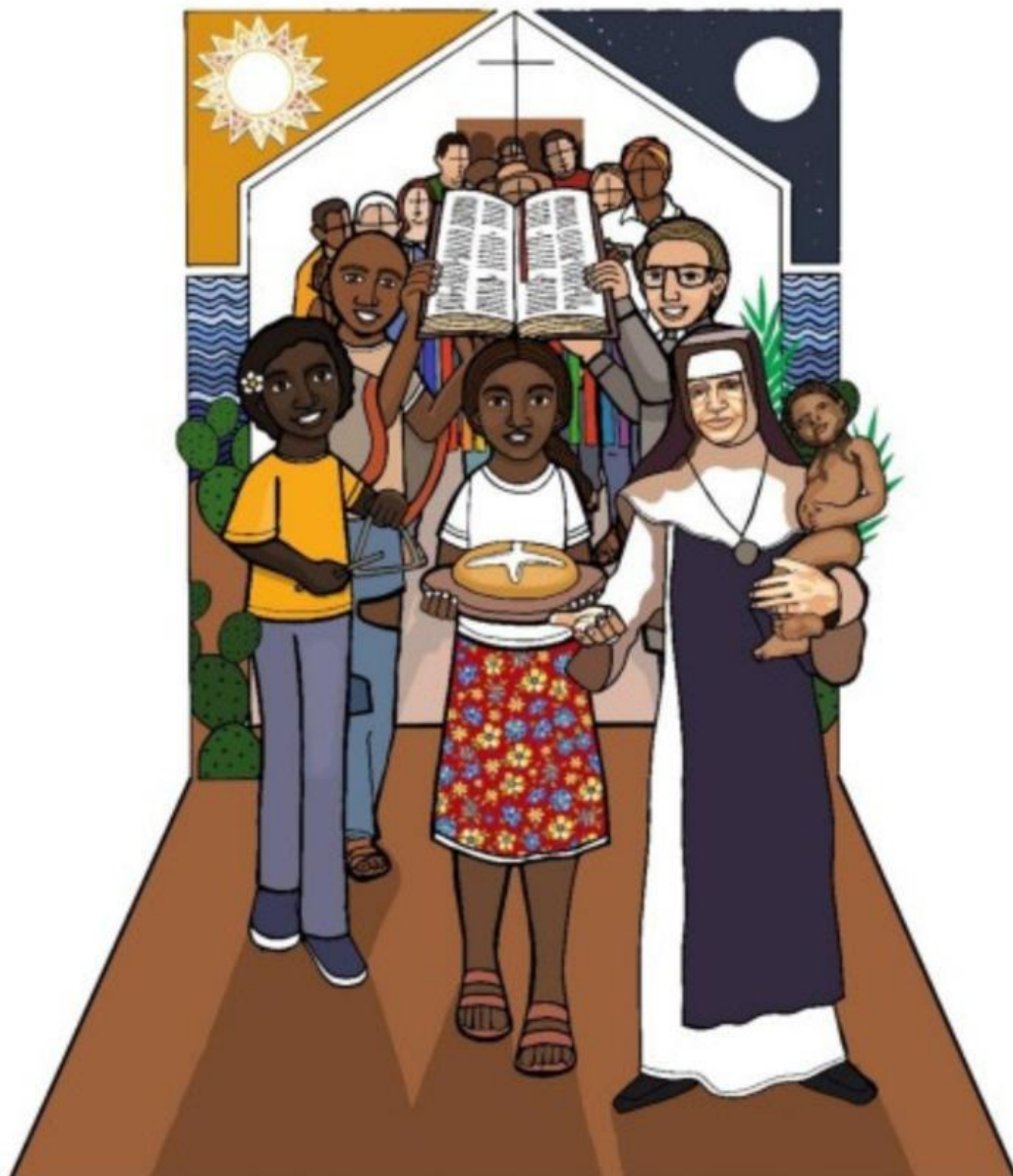


IGREJA COMUNIDADE

PROJETO DE PASTORAL 2023-2025



DIOCESE DE AMARGOSA

DIOCESE DE AMARGOSA - BA

PROJETO DIOCESANO DE PASTORAL (2020-2025)

DIOCESE DE AMARGOSA

Bispo: Dom Juraci Gomes de Oliveira

Coordenação Diocesana de Pastoral: Pe. Roberto Moraes dos Santos,
Pe Marco Antônio de Moraes Cruz
Pe. Neivaldo Carvalho Santos

Representante do Clero: Pe Ângelo Vieira Cirqueira Filho

Chanceler: Pe Wilson Vitória

Câmara Eclesiástica: Pe Nelson Luiz da Franca

Ouvidoria: Pe. Edézio de Jesus Ribeiro

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO.....	5
1. VER: OBSERVAR A REALIDADE	6
1.1 FAZENDO MEMÓRIA DO PROJETO DE PASTORAL	6
1.1.1 Pilar da Palavra.....	6
1.1.2 Pilar do Pão.....	6
1.1.3 Pilar da Oração	6
1.1.4 Pilar da Caridade.....	6
1.2 DIMENSÕES DO PROJETO.....	8
a) Dimensão Comunitário-Participativa.....	8
b) Dimensão Missionária	8
c) Dimensão Bíblico-Catequética	8
d) Dimensão Litúrgica	8
e) Dimensão Sócio-transformadora.....	8
f) Dimensão ecumênica e o diálogo inter-religioso	8
1.3 A COMUNIDADE É O PROJETO	9
1.4 CAMINHADA PASTORAL: DESAFIOS EMERGENTES	10
2. JULGAR: ILUMINAR A REALIDADE	13
2.1 LANÇAI AS REDES EM ÁGUAS MAIS PROFUNDAS	13
2.2 PASTORAL DE CONJUNTO	13
2.3 SÍNTESE DA DIOCESE DE AMARGOSA DA ESCUTA SINODAL.....	14
2.3.1 A EXPERIÊNCIA SINODAL EM NOSSA DIOCESE.....	15
2.3.2- CONCLUSÃO	19
3. OBJETIVOS E METAS	20
3.1 O OBJETIVO GERAL DA IGREJA NO BRASIL (CNBB).....	20
3.2 OBJETIVO GERAL DA IGREJA PARTICULAR DE AMARGOSA	20
3.3 OBJETIVOS ESPECÍFICOS DA IGREJA PARTICULAR DE AMARGOSA.....	20
3.4 METAS DIOCESANAS	20
4. ESTRUTURA PASTORAL DA AÇÃO EVANGELIZADORA DA DIOCESE DE AMARGOSA	22
4.1 CONSELHO DIOCESANO DE PASTORAL (CDP)	22
4.2 COORDENADOR DIOCESANO DE PASTORAL	22
4.2.1 Atribuições do Coordenador Diocesano de Pastoral	22
4.3 COMISSÕES DIOCESANAS.....	22
4.3.1 Comissão Diocesana para os Ministérios Ordenados e a Vida Consagrada	23
4.3.2 Comissão Diocesana para o Laicato, Ação Missionária e Educação,.....	23
4.3.2.4 SETOR COMUNICAÇÃO SOCIAL	24
4.3.3 Comissão Diocesana para a Animação Bíblico-Catequética	25
4.3.4 Comissão Diocesana para a Liturgia.....	26

4.3.5 Comissão Diocesana para Família e Juventude	26
4.3.6 Comissão Diocesana para Ação Social Transformadora.....	27
4.4 ATRIBUIÇÕES AOS PADRES REFERENCIAIS DAS PASTORAIS, MOVIMENTOS E ORGANISMOS.	27
4.5 ORIENTAÇÕES À COORDENAÇÃO DIOCESANA DE PASTORAIS, MOVIMENTOS E ORGANISMOS	27
4.6 IDENTIDADE E MISSÃO DAS FORANIAS	28
4.6.1 Competência do Vigário Forâneo:	28
4.6.2 As principais finalidades da Forania são:.....	28
4.7 ORGANIZAÇÃO PAROQUIAL DAS PASTORAIS	28
4.7.1 Setorização das paróquias	28
4.7.2 CAP – Conselho Administrativo Paroquial	29
4.7.3 CPP – Conselho Paroquial de Pastoral	29
4.7.4 As Pastorais no Chão da Comunidade	29
5. AGIR - TRANSFORMAR A REALIDADE - LINHAS DE AÇÕES	29
5.1.1 Pilar do Palavra.....	29
5.1.2 Pilar da Pão.....	30
5.1.3 Pilar da Caridade.....	30
5.1.4 Pilar da Ação Missionária.....	30
6 AVALIAR: CAMINHADA DO PLANEJAMENTO	31
6.1 MONITORAMENTO E AVALIAÇÃO DO PROJETO	31
ANEXO 1.....	32
COMPREENDENDO ALGUNS CONCEITOS	32
PRINCÍPIOS DA AÇÃO EVANGELIZADORA DA DIOCESE DE AMARGOSA (2020-2023).....	32
CELEBRAR: VIVER DEUS NA COMUNIDADE E NA SOCIEDADE	33
CARTAZ DO PROJETO DIOCESANO DE PASTORAL 2020-2025.....	33

APRESENTAÇÃO

Com grande alegria, apresentamos à todas as comunidades da Diocese o nosso Projeto de Pastoral. Ele é fruto de um grande mutirão, de iniciativas numerosas, assembleias e encontros em vários níveis para discernir à luz da Palavra de Deus e na escuta do Espírito Santo as questões pastorais e os desafios que nos são interpelados. Este Projeto deve orientar todas as nossas pastorais e movimentos. Compete a cada um aplicá-lo com suas responsabilidades específicas, para promover a Ação Evangelizadora em nossa Diocese de Amargosa.

O coração do nosso Projeto é a Comunidade, o chão, o lugar propício do nosso ser Igreja e onde se concretiza a nossa Ação Evangelizadora. O nosso projeto é iluminado pela Palavra de Deus e pelos documentos da Igreja, especialmente as Diretrizes da Ação Evangelizadora do Brasil para os próximos quatro anos (2020-2023). As atuais Diretrizes nos apresentam a Igreja Comunidade como uma casa sustentada em quatro pilares, a saber: Palavra, Pão, Caridade e Ação Missionária. É a partir desta imagem que o nosso projeto se articula. Ele olha a comunidade como uma casa de portas sempre abertas, lugar de entrada e saída: de entrada para o encontro com Cristo e os irmãos e de saída para formar Comunidades Eclesiais Missionárias, atentos à cultura urbana, com seu estilo de vida e mentalidade que atingem todas as realidades.

A dinâmica do Ver, julgar e Agir, que faz parte da Igreja como uma das suas principais metodologias (conforme "Gaudium et Spes" do Vaticano II, Ação Católica, CELAMs de Medellín, Puebla, Santo Domingo, Aparecida e Diretrizes da Ação Evangelizadora da Igrejas), ajudou-nos no discernimento de propostas efetivas para as questões pastorais de nossas comunidades e nos conferiu elementos para avaliar (rever) nossas questões pastorais e estabelecer novas linhas de ações.

É a nossa fidelidade a Cristo que vai garantir a eficácia de nosso Projeto Diocesano de Pastoral. Confiamos nossas ações pastorais aos cuidados maternos de Nossa Senhora do Bom Conselho, nossa Mãe e Padroeira. Que à luz da Palavra de Deus e orientados pelo nosso Projeto possamos caminhar juntos, em um caminho sinodal, favorecendo uma Pastoral de Conjunto, cada um respeitando o espaço que o outro precisa para exercer na comunidade o seu ministério/serviço em vista da Plenitude do Reino de Deus.

Coordenação Diocesana de Pastoral Colegiada

1. VER: OBSERVAR A REALIDADE

1.1 FAZENDO MEMÓRIA DO PROJETO DE PASTORAL

O Projeto Diocesano de Pastoral, na Diocese de Amargosa, nasceu após as celebrações do Novo Milênio (cf. Novo Millennio Ineunte), fazendo rever, de forma atenta, sua caminhada eclesial e suas ações pastorais. Atendendo aos apelos deste novo tempo, foi assumido o seguinte compromisso: “renovar o nosso ser Igreja a partir do ser comunidade” (Doc. 100, CNBB). Assim, o foco passou a ser a vivência das Primeiras Comunidades Cristãs, com seus quatro pilares, conforme Atos dos Apóstolos (2,42-47):

- Ensinamentos dos Apóstolos
- Comunhão Fraternal
- Fração do Pão
- Oração

Assim, os quatro pilares: Pão, Caridade, Oração e Palavra, conforme as Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora (DGAE) 2019-2023 (Doc. 109, CNBB), caracterizam as comunidades da Diocese de Amargosa.

1.1.1 Pilar da Palavra

Somos Igreja da Palavra, pois, assim a recebemos desde o judaísmo com a comunidade de Israel, que venerava a Torá, como revelação de Deus ao ser humano, chegando à plenitude no próprio Cristo, Palavra de Deus (Cf. Jo 1,14; Gl 4,4; Hb 1,1-2). Deus faz morada na casa da humanidade, desce e comunica quem Ele é.

Na Diocese de Amargosa as Comunidades são fortalecidas pela Palavra através dos temários unificados, motivadores das homilias e reflexões; dos Círculos Bíblicos; dos subsídios para a catequese comunitária, suporte na evangelização, em todas as suas etapas.

1.1.2 Pilar do Pão

A vida sacramental é antes de tudo um dever do Cristão, como sua santificação e glorificação de Deus, em obediência ao mandato recebido do próprio Senhor: “fazei isto em Memória de mim” (Lc 22,19). Como diz o Apóstolo Paulo, “todas as vezes que comerdes deste pão e beberdes deste cálice, estareis proclamando a morte do Senhor, até que ele venha” (1Cor 11,26).

1.1.3 Pilar da Oração

O cristão busca sempre se aproximar do Senhor por meio da oração. Mas a oração, como bem sabemos, não se pode dar por suposta; é necessário aprender a rezar, voltando sempre de novo a conhecer esta arte dos próprios lábios do divino Mestre, como os primeiros discípulos: “Senhor, ensina-nos a orar” (Lc 11,1). A oração comunitária e pessoal ajuda e proporciona uma intimidade com o Mestre, e “desenrola-se aquele diálogo com Jesus que faz de nós seus amigos íntimos: ‘Permaneçei em mim e eu permanecerei em vós’ (Jo 15,4)” (NMI, n. 32).

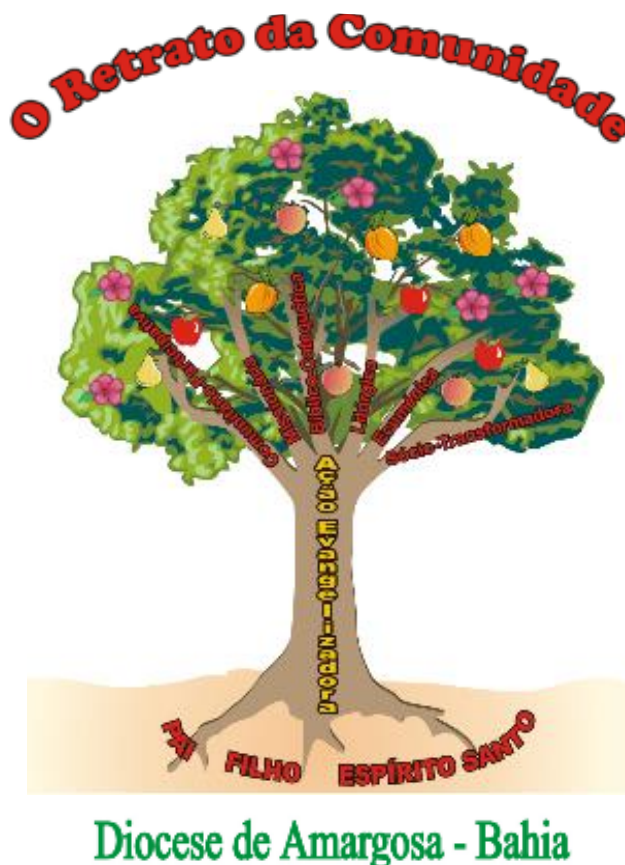
1.1.4 Pilar da Caridade

Pela caridade, o cristão vive a prática evangélica a exemplo das primeiras comunidades cristãs, não como um simples gesto de dar esmolas, mas como a necessidade do bem comum: não havia necessitados entre eles, e todos viviam em comum, ninguém possuía mais que os outros (Cf. At 2,44-45). A prática do bem comum é, antes de um dever cristão que alimenta a esperança, uma esperança na já realização do Reino que vivemos e ainda aguardamos.

Logo, a centralidade do Projeto assumiu a **Comunidade** como seu chão, lugar propício do ser Igreja e onde se concretiza a Ação Evangelizadora, com suas dimensões. Desde então, passou-se a compreender a paróquia como uma **Rede de Comunidades** interligadas pela identidade e missão.

No início foram pensadas quatro metas para o fortalecimento das comunidades:

- Santificação do Domingo
- Formação de Ministérios Leigos
- Criação dos Conselhos
- Criação das Equipes de Liturgia.



A imagem simbólica desse Projeto é uma árvore: a sua raiz é a Santíssima Trindade, o tronco a Ação Evangelizadora que se realiza por meio de seis Dimensões, através dos seus galhos.

As seis dimensões da Evangelização são apresentadas pela CNBB como linhas de ação em 1966, quando, para colocar em prática as orientações do Concílio Vaticano II, foi elaborado o Plano de Pastoral de Conjunto (1966-1970). O fundamento das seis dimensões está nos documentos do Concílio Vaticano II, a saber:

- Dimensão Comunitário-Participativa: Lumen Gentium, Christus Dominus, Presbyterorum Ordinis, Optatam Totius, Perfectae Caritatis, Apostolicam Actuositatem
- Dimensão Missionária: Lumen Gentium, Ad Gentes
- Dimensão Bíblico-Catequética: Dei Verbum
- Dimensão Litúrgica: Sacrosanctum Concilium
- Dimensão Ecumênica: Unitatis Redintegratio
- Dimensão Sócio-transformadora: Gaudium et Spes, Dignitatis Humanae, Nostra Aetate, Gravissimum Educationis E Inter Mirifica.

As dimensões da Ação Evangelizadora devem concretizar-se em todas as realidades humanas devidamente assumidas. São pontos de convergência para toda ação pastoral. Cada situação exige uma forma particular de ação pastoral, dando origem às diversas pastorais, por exemplo: Pastoral da Família, Pastoral da Juventude, Pastoral da Saúde... E toda ação pastoral consiste em desenvolver as dimensões da vida eclesial. Cada

pastoral específica ou movimento poderá dar maior ênfase a uma ou outra dimensão, conforme sua natureza, mas será incompleta se não integrar as demais.

Desse modo, compreende-se que as dimensões constituem um quadro de referência geral da Ação Evangelizadora da Igreja em todos os níveis. As dimensões não são instâncias de organização. Por isso, a Diocese de Amargosa sempre procurou elaborar, nos seus quase oitenta anos de criação, seus planos pastorais a partir da compreensão de uma Igreja sinodal com a consciência de que ela existe para evangelizar.

1.2 DIMENSÕES DO PROJETO

a) Dimensão Comunitário-Participativa

A Dimensão Comunitário-Participativa tem a missão de promover a vida comunitária da Igreja e sua unidade visível, para que seja sempre mais sacramento da unidade de todos os fiéis.

b) Dimensão Missionária

Esta dimensão busca assumir a proclamação da feliz notícia de que Deus nos ama e nos quer todos unidos ao seu amor misericordioso (Lc 15, 11-32). A missão constitui nossa resposta ao mandamento supremo de Jesus: “Ide, pois, fazer discípulos entre todas as nações, e batizai em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo” (Mt 28, 19). Ela é um dom de Deus que brota da generosidade do coração livre do batizado, e que por ser livre ama e serve, pondo o pé no caminho para assumir o anúncio da Boa Nova de Jesus Cristo, o Caminho, a Verdade e a Vida (Jo 14,6).

c) Dimensão Bíblico-Catequética

A Igreja nasce e vive da Palavra de Deus e na força do Espírito Santo faz crescer continuamente o Povo de Deus, mediante o aprofundamento e a vivência permanente da fé, e nos ensina a ler os acontecimentos cotidianos à luz da vida e missão de Jesus, o Missionário do Pai.

d) Dimensão Litúrgica

A liturgia é a vida da Igreja. Ela nos faz experimentar e vivenciar o amor de Deus Pai, revelado por Jesus Cristo, alimentado pela ação do Espírito Santo e cultivado na comunidade. Ela é o momento alto e significativo na caminhada das comunidades, envolve as pessoas, dá um sentido para a existência e dinamiza a solidariedade e a evangélica opção preferencial pelos pobres (cf. Lc 4,14-30; Jo 13,1-20).

e) Dimensão Sócio-transformadora

A Dimensão sócio-transformadora revela a Igreja presente no mundo como fermento transformador, colaborando para que caminhemos de acordo com as exigências do Reino de Deus. Esta Dimensão é quem mais expressa o profetismo da Igreja junto aos marginalizados, oprimidos e excluídos. Atua na área da educação, da comunicação, da promoção da vida, da dignidade de cada pessoa, é o autêntico amor-caridade pelos que mais necessitam, “vendo, sentindo compaixão e cuidando” (Cf. Lc 10,33-34).

f) Dimensão ecumênica e o diálogo inter-religioso

O Ecumenismo e o diálogo inter-religioso fazem parte do “Povo de Deus”, que busca viver e sensibilizar o diálogo entre as famílias e outras igrejas em sua diversidade, inspirado no desejo de Jesus, de que todos sejam um (Cf. Jo 17,1-26). Toda essa proposta é iluminada pela Palavra de Deus e pelos documentos do Magistérios da Igreja, e das Diretrizes da Ação Evangelizadora da Igreja no Brasil, que se renovam a cada quatro anos.

Com o amadurecimento da caminhada pastoral e as orientações da Igreja o Projeto de Pastoral sempre se atualiza, para responder aos novos desafios, sem nunca perder a sua essência: a comunidade, coração do Projeto.

Assim, pode ser dito: a Comunidade é o Projeto, sustentada na Palavra, na Oração, na Caridade e nos Sacramentos.

Nestes últimos anos, movidos pelas exigências pastorais e pelas Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora, os galhos da árvore passaram a ser simbolicamente representados como guarda-chuvas, que abrigam pastorais, associações e movimentos na concretização das seguintes metas:

- santificar o Domingo
- exercer Ministérios Leigos
- dinamizar as Equipes de Liturgia
- fortalecer os Conselhos (CAP, CPP e CONPAC's)
- tornar o Dízimo fonte de sustentabilidade
- trabalhar a perfeita união entre Liturgia e Catequese
- trabalhar a Iniciação à Vida Cristã.



Projeto Diocesano de Pastoral, 2001

Pilares e Dimensões constituem uma realidade de desenvolvimento e envolvimento, ou seja, são elementos que estão presentes na ação da comunidade.

Os quatros pilares e as seis dimensões, não podem ser entendidos como organização, mas como realidades presentes na vida da Igreja. Anúncio da Palavra, Caridade, Liturgia e Ação Missionária estão no “DNA” da comunidade. Assim entendendo, sabemos que não há comunidade que não se preocupe e nem cuide de suas dimensões e seus pilares. Pode-se dizer que as dimensões são os elementos que fazem os pilares não se fecharem em si, ou seja, os pilares sustentam a casa.

1.3 A COMUNIDADE É O PROJETO

A partir do Concílio Vaticano II, que abriu as portas para o modelo de “Igreja Povo de Deus”, surgem em todo território nacional as Comunidades Eclesiais de Base - CEB's, que Iluminadas pela Palavra de Deus e fortalecidas na vida sacramental anunciam o Reino de Deus, buscam e lutam por justiça social em parceria com pessoas e entidades que estavam a serviço da vida e da dignidade humana. Conforme o Concílio Ecumênico nos

diz, a Igreja fala diretamente à humanidade na sua totalidade, e não somente aos filhos da Igreja sobre sua presença e sua atividade no mundo de hoje:

As alegrias e as esperanças, as tristezas e as angústias dos homens de hoje, sobretudo dos pobres e de todos aqueles que sofrem, são também as alegrias e as esperanças, as tristezas e as angústias dos discípulos de Cristo. Não há realidade alguma verdadeiramente humana que não encontre eco no seu coração. Porque a sua comunidade é formada por homens, que, reunidos em Cristo, são guiados pelo Espírito Santo na sua peregrinação em demanda do reino do Pai, e receberam a mensagem da salvação para a comunicar a todos. (GS, n. 1).

Com os preparativos para as comemorações ao “Novo Milênio”, a Igreja apresenta novo rumo para a vida e caminhada dos fiéis, com a promulgação da *Carta Apostólica Novo Millennio Ineunte*, 06 de janeiro de 2001, assinada pelo o Papa João Paulo II, que assim fala em seu primeiro parágrafo:

No início do novo milênio quando se encerra o Grande Jubileu, em que celebramos os dois mil anos do nascimento de Jesus, e um novo percurso de estrada se abre para a Igreja, ressoam no nosso coração as palavras com que um dia Jesus, depois de ter falado às multidões a partir da barca de Simão, convidou o Apóstolo a “fazer-se ao largo” para a pesca: “*Duc in altum*” (Lc 5,4). Pedro e os primeiros companheiros confiaram na palavra de Cristo e lançaram as redes. “Assim fizeram e apanharam uma grande quantidade de peixe” (Lc 5,6). *Duc in altum!* Estas palavras ressoam hoje aos nossos ouvidos, convidando-nos a lembrar com gratidão o passado, a viver com paixão o presente, abrir-se com confiança ao futuro: ‘Jesus Cristo é o mesmo, ontem, hoje e sempre’ (Heb 13, 8).

A Evangelização parte do anúncio da Pessoa de Jesus Cristo, pois Ele é o centro de tudo e de todos e não uma ideologia ou pensamento secundário. A partir d’Ele, é que nossa Ação Missionária deve focar, chamando a atenção para a vivência dos Sacramentos, da oração e da espiritualidade na comunidade. A Diocese de Amargosa compreende e busca viver o conceito de comunidade como chão, espaço físico geográfico de toda a sua Ação Pastoral, incluído a luta pela concretização da justiça social, em comunhão com o Magistério da Igreja.

No exercício efetivo da sua Ação Pastoral, a Diocese de Amargosa também compreende a Paróquia como Igreja Rede de Comunidades, ou comunidade de comunidades, conforme firmado pelo documento 100 da CNBB: “A paróquia encontra no conceito de comunidade a autocompreensão de sua realidade histórica. Ela é, portanto, uma comunidade de fiéis que, de alguma maneira, torna presente a Igreja num determinado lugar” (n.168).

1.4 CAMINHADA PASTORAL: DESAFIOS EMERGENTES

Na caminhada pastoral, sempre se faz necessário refletir, avaliar e propor alternativas para que sejamos fiéis à missão de anunciar o Evangelho. Esse caminho conta com as experiências vivenciadas ao longo do tempo. É no acolhimento às experiências de fé e missão do povo de Deus, em espaços de diálogo e escuta nas comunidades, que o projeto diocesano vem historicamente direcionando sua ação pastoral.

Nessa perspectiva, em vista da realização da 52ª Assembleia Diocesana de Pastoral, foi elaborado um instrumento de consulta às experiências de fé e missão das Redes de Comunidades à luz do Projeto Diocesano de Pastoral vigente, vislumbrando também a implementação das DGAE 2019-2023, da CNBB.

A primeira abordagem da consulta versava sobre a correspondência do Projeto Diocesano de Pastoral à Igreja que somos chamados a ser: Igreja – rede de comunidades. *As vozes que ecoaram do chão diocesano* apontavam, inicialmente, a forte correspondência no que tange aos fundamentos do Projeto, o campo das luzes – as diretrizes nacionais de evangelização; o texto dos Atos dos Apóstolos 2, 42-47; a necessidade vivida nas pequenas comunidades e nas paróquias; a comunidade enquanto chão fecundo das pastorais, chão de nossas vidas e missão.

Vozes continuaram a ecoar a beleza da relação do projeto com o nosso ser igreja-comunidade, ao afirmarem a relação direta das metas diocesanas com o chão de todas as comunidades: *santificar o domingo, exercer os ministérios leigos, fortalecer os conselhos, dinamizar as equipes de liturgia, sustentabilidade*; ao sinalizarem que o projeto possibilita a construção da unidade entre as pastorais e movimentos, sem perder a identidade; ao apontarem o fortalecimento do senso de pertença à comunidade, bem como o fortalecimento de uma Igreja-comunidade viva, participativa e a serviço de todos, acolhendo a todos para o serviço e possibilitando o crescimento na fé; ao incentivarem à fé encarnada na ação evangelizadora.

O zelo pela formação permanente do clero, leigos, religiosas e religiosos também foi ecoado na correspondência do projeto com o ser Igreja-Comunidade, legitimado por espaços, tempos, momentos formativos numa perspectiva em rede, consolidando, inclusive, a Forania enquanto instância formativa. Sobre a produção de material formativo e de unidade diocesana, ressoou a relevância dos círculos bíblicos, seu conteúdo e metodologia e também o aprofundamento teológico expresso nos temários de festas dos padroeiros, os quais asseguram a “comunidade” como “lugar-protagonista-coração”, da ação evangelizadora.

Como grande instrumento de promover a pastoral e a evangelização na comunidade, as comunidades, num único coro, trouxeram a criação e atuação dos conselhos comunitários, paroquiais e diocesanos como um grande investimento pastoral e administrativo, resguardando, de fato, uma coerência, com o projeto que tem a comunidade como seu coração.

A partir dos clamores de alguns coordenadores que ajudaram na organização pastoral por dimensões, apontaram que a estrutura dos conselhos pastorais, em nível diocesano, paroquial e comunitário, no contexto da referida organização, subsidiou as ações pastorais a serem desenvolvidas no chão da comunidade. Outros testemunhos ainda relataram que não se apropriaram da organização pastoral por dimensões, porém não se perderam, pois, as diretrizes fundantes do projeto, que têm a comunidade como coração e o texto das primeiras comunidades cristãs como inspiração, estavam para além de uma estrutura organizacional, estavam sendo, pois, realidade na experiência comunitária de fé e missão do povo de Deus.

No que tange aos pontos de atenção, ou de uma possível não correspondência entre o projeto e o nosso jeito de ser Igreja-comunidade, ou quiçá, denominarmos de desafios emergentes, as vozes de nossos agentes de pastoral não foram silenciadas. Ao contrário, tiveram espaço participativo para escuta sensível e ecoaram com alguns clamores e necessidades, a saber: uma igreja mais profética, que forme e incentive os fiéis leigos para o serviço social e político; maior compreensão do projeto por leigos, padres e religiosos (as) para não dificultar a pastoral de conjunto; falar aos jovens; maior zelo pastoral frente à opção preferencial pelos pobres; aprofundamento sobre a Doutrina Social da Igreja e as dimensões sócio-transformadora e ecumênica; discutir questões sociais atuais: disseminação do uso das drogas, automutilação e suicídio, questões ambientais, realidade familiar atual que tem refletido nas periferias existenciais e conseqüentemente dentro de nossas comunidades; suscitar o surgimento de novas comunidades e de novas lideranças; maior compromisso dos fiéis, não devendo restringir a participação na vida comunitária às missas e celebrações; investir ainda mais esforço na formação dos conselheiros de forma que a estrutura administrativa esteja a serviço da pastoral; fortalecer o dízimo como sustentabilidade; sair das individualidades: pastorais, movimentos, grupos, dimensões para trabalhar a tão sonhada pastoral de conjunto, em vista de uma Igreja Sinodal; compreender a mentalidade da pastoral urbana; implantar diaconato permanente; e entender que a proposta da implantação da Iniciação à Vida Cristã é de responsabilidade não apenas das Dimensões Litúrgica e Bíblico-Catequética, mas que deve ser um projeto comum que envolva toda a Igreja, assim como deve ser o entendimento da missionariedade, que em virtude da Dimensão Missionária, pode ter passado despercebida nas demais dimensões, com seus grupos, pastorais, movimentos e conselhos, mesmo cientes de que toda ação pastoral é missionária, de que toda Igreja é Missionária.

A segunda abordagem, conforme instrumento de escuta às comunidades, direcionava o olhar para às dimensões da ação evangelizadora presentes no projeto. As vozes, por um lado, versavam que a organização por dimensões ajudava na articulação das diversas atividades pastorais, embora houvesse a percepção de uma lacuna no trabalho de consolidação e assimilação da mística que cada dimensão comportava. Por outro lado, versavam

que a organização por dimensões também dificultava, pois não havia uma compreensão de que o fato de sermos de dimensões diferentes não nos isolava dos demais; dificultava priorizar uma ação comum a todos, um mesmo caminho com um único objetivo, contribuindo dessa forma em ações pastorais fragmentadas.

Refletir sobre a caminhada pastoral, de forma participativa, à luz do projeto diocesano, é de fundamental importância, a fim de que todos se sintam comprometidos, procurando avançar na ação evangelizadora da Diocese, de acordo com as novas realidades e desafios emergentes. Numa análise cristã, podemos afirmar que em tudo a graça de Deus atuou como força primeira. Essa afirmação nos enche de entusiasmo, de alegria, de esperança. Ainda mais, nesse momento em que acolhemos as Diretrizes da Ação Evangelizadora da Igreja no Brasil - 2019-2023.

Nisso tudo fazemos nossa voz novamente ecoar ao constatar que os caminhos apontados pelas novas diretrizes confirmam a importância do nosso Projeto Diocesano de Pastoral voltado para uma Igreja Rede de Comunidades, que tem a comunidade como o “chão”, o “terreno”, onde acontece a vivência da fé cristã e que busca constantemente, em coerência com suas metas, perseverar no ensinamento dos apóstolos, comunhão fraterna, fração do pão e na Oração.

Para além de confirmar o serviço pastoral da Igreja Particular de Amargosa, as DGAE (2019-2023) apontam outros elementos que podem potencializar ainda mais nosso Projeto, sobretudo, no contexto desafiador da *cultura urbana*, indicando o caminho do cuidado. Poderá contribuir também, para à casa comum, testemunhando o Reino de Deus rumo à plenitude. É na comunidade e em seu entorno que estão as pessoas concretas, com suas dores e esperanças, angústias e alegrias, buscando responder aos apelos do presente, frente aos desafios emergentes, sem perder de vista a história construída, a identidade cristã, o nosso jeito de ser comunidade como protagonistas e sujeitos da ação evangelizadora.

2. JULGAR: ILUMINAR A REALIDADE

2.1 LANÇAI AS REDES EM ÁGUAS MAIS PROFUNDAS

À luz das novas Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora da Igreja no Brasil (2019-2023), a Diocese de Amargosa é chamada a avançar com o seu Projeto de Pastoral. Oportunidade de ser assimilada *a Igreja Comunidade como uma Casa*: lugar de entrada e saída, acolhimento e envio, ou seja, uma casa de portas sempre abertas, onde se entra para o encontro com Jesus Cristo e os irmãos, para a conseqüente saída para missão, formando, Comunidades Eclesiais Missionárias atentas sobremaneira à cultura urbana, com seu estilo de vida e mentalidades que atingem todas as realidades.

Nas Diretrizes Gerais da CNBB, o que aparecia como urgências, agora são apresentadas como princípios de atuação constantes na ação evangelizadora, contemplados nos quatros pilares:

Pilar da Palavra: Iniciação à Vida Cristã e Animação Bíblica;

Pilar do Pão: Liturgia e Espiritualidade;

Pilar da Caridade: Serviço à Vida Plena;

Pilar da Ação Missionária: Estado permanente de Missão, uma Igreja essencialmente missionária.

2.2 PASTORAL DE CONJUNTO

Toda vez que ouvimos falar em planejamento, em busca de metas e resultados, em missão e visão, logo nos vem a ideia de uma grande empresa, de um negócio ou um projeto que precisa ser executado. Mas, será que é possível aplicarmos as técnicas de planejamento à prática pastoral? Uma luz para esta questão vem nas palavras do próprio Cristo a seus apóstolos:

Pois, qual de vós, pretendendo construir uma torre, não se assenta primeiro para calcular a despesa e verificar se tem os meios para concluí-la? Para não suceder que, tendo lançado os alicerces e não a podendo acabar, todos os que a virem zombem dele, dizendo: Este homem começou a construir e não pôde acabar. (Lc 14, 28-29).

Certamente, o processo de evangelização é conduzido pelo Espírito de Deus e ganha constantemente novos métodos, novas formas, buscando atualizar-se no tempo e no espaço.

Com o Concílio Vaticano II, a Igreja voltou às fontes bíblicas e retomou sua própria identidade e imagem, como povo peregrino de Deus. Ela se situa numa história em que Deus-Trindade é o protagonista principal. Como sinal e instrumento do Reino de Deus e sacramento da salvação para todos os povos, a Igreja experimenta que a obra da evangelização é mais graça do que privilégio, mais vocação do que dever. Desde então, por fidelidade ao plano histórico e processual da revelação de Deus e da salvação da humanidade, a Igreja retomou a prática dos primeiros tempos de planejar sua ação pastoral.

Sabe-se que a Igreja da América Latina tem feito, a partir do Concílio Vaticano II e da Conferência de Medellín até o Documento de Aparecida, forte esforço pela “conversão pastoral”, pela renovação de estruturas ultrapassadas, pela formação de redes de comunidades e de uma Igreja toda ministerial, com presença ativa dos fiéis leigos como ministros extraordinários e agentes de pastorais. Destacam-se ainda as últimas diretrizes e o Documento 100 - CNBB, que volta o seu olhar para o tema da renovação da paróquia como comunidade de comunidades. Não obstante a estas discussões, a Igreja particular de Amargosa já vem desenvolvendo atividades pastorais alinhadas a esta concepção de Igreja Rede de Comunidades.

É nesse contexto, que emerge a necessidade de desenvolver ações articuladas em rede, por meio do plano de pastoral, necessidade esta que tem ocupado uma agenda importante no nosso processo de formação para pensar a melhoria da qualidade da ação pastoral; considerando a articulação de ações da Igreja no mundo, na América

Latina, no Brasil, no Regional NE III da CNBB e na Diocese de Amargosa para rever as diretrizes, objetivos, metas e ações, em sintonia com as demandas apresentadas pelas Paróquias e Comunidades.

É preciso tomar consciência de que *Plano Pastoral* não é uma camisa de força. Na verdade, ele é um roteiro de ação e prevê, na força do Espírito Santo, a comunhão eclesial na diversidade de carismas e dons, possibilitando que todos avancem mar a dentro (cf. Lc 4,5).

Nessa compreensão, o Projeto Diocesano de Pastoral foi avaliado e adequado. Neste sentido, é importante compreender que as Diretrizes da CNBB não são planos de pastoral, mas indicam direções a serem tomadas e definem um quadro de referência de ação que torna possível a compreensão e execução de uma pastoral orgânica ou de conjunto.

O Projeto Pastoral não significa um conjunto de obrigações, de ações paralelas ou de metas desconexas da realidade. Pelo contrário, ele quer ser um instrumento de ação e de renovação da vida pastoral e da evangelização da Igreja particular de Amargosa, enquanto Igreja comunidade. Todos os agentes de pastoral, os presbíteros, os diáconos, os consagrados e as consagradas, devem ter, no Plano Pastoral, uma bússola para a orientação pastoral, um instrumento de unidade para todos nós, “Igreja em estado permanente de missão”.

Anuário da CNBB, RE NE 3, apresenta alguns passos necessários para que a pastoral de conjunto possa acontecer:

- Conhecimento entre as pastorais para que possam unir as forças para trabalhar em parceria. Uma pastoral deve conhecer o que a outra faz, quem trabalha nela, qual o objetivo da pastoral, etc.;
- A integração precisa ser desejada por todos ou por uma grande maioria;
- Integração não é, por exemplo, unir duas pastorais para transformá-las em uma, mas juntar as duas ou mais pastorais para buscar em conjunto como é possível alcançar uma melhor forma de evangelizar ou desenvolver um trabalho;
- Promover encontros que possam aproximar os membros das diferentes pastorais com o objetivo de aumentar os laços de amizade, de conhecimento, de partilha da Palavra de Deus;
- Ter uma agenda mínima em comum, ou seja, ter atividades onde as pastorais envolvidas possam trabalhar em união;
- Preocupação com a formação permanente dos agentes;
- Fazer tudo por amor e em espírito de serviço. Se não for assim, corremos o risco de cansar. Precisamos aprender de Jesus que tudo o que fazemos na Igreja deve ser com espírito de serviço (Mc 10, 42-45) e de gratuidade (Lc 17,10).
- Contar com a colaboração específica que os movimentos e associações podem oferecer para o conjunto da vida eclesial, de acordo com seus carismas próprios.
- A pastoral de conjunto nos faz perceber que se trabalharmos para servir e não para receber aplausos, resistiremos com mais facilidade aos desafios da caminhada, compreendendo que o trabalho pastoral deve nos ajudar a superar o espírito de competição e rivalidade, criando um espírito de comunhão e participação. (Fonte: anuário da CNBB NE3, 2019)

A pastoral de conjunto ajuda a eliminar tendências de “grupismo”, ela é expressão do grande esforço que temos de evangelizar em mutirão: leigos (as), religiosos (as), padres, bispos, todos em comunhão orgânica e missionária, a serviço da vida, da justiça, da paz e do Reino de Deus.

2.3 SÍNTESE DA DIOCESE DE AMARGOSA DA ESCUTA SINODAL

A realização de um Sínodo é um momento singular, no qual a Igreja, em atitude orante e reflexiva, busca por meio do diálogo, da comunhão e da participação, pensar os caminhos que devem dirigir a nossa Igreja no Terceiro Milênio, considerando todas as vozes que dela participam. Foi com essa convicção e espírito que nossa Diocese organizou e realizou o seu caminho Sinodal, no qual leigos, religiosos e sacerdotes, reunidos em diferentes momentos, rezaram, refletiram e dialogaram com a sua caminhada eclesial enquanto comunidade e, a partir disso, buscaram pensar as questões que marcam a sua caminhada eclesial.

A Diocese de Amargosa, localizada no Regional Nordeste 3, situa-se no interior da Bahia, acolhendo municípios de diferentes territórios, a citar: caatinga, litoral, recôncavo, baixo sul e zona da mata; composta por 38 paróquias, divididas em seis Foranias, com a presença de 5 Famílias Religiosas, contribuindo no processo de evangelização e comunhão da caminhada eclesial. Nessa diversidade, organizamos as atividades para a realização de nosso sínodo.

Num primeiro momento, a equipe de subsídios reuniu-se para organizar o material que auxiliaria nos momentos de estudo e reflexão de nossas comunidades. Depois de vários encontros, elaborou-se uma cartilha, organizada em três momentos diferentes para serem vivenciados nas comunidades, a citar: o momento orante, o momento de aprofundamento no qual sealaria um pouco de nosso Projeto de Pastoral e do Sínodo e o momento de reflexão, no qual a partir de seis eixos, divididos em subitens, refletiríamos a nossa forma de viver em comunidade, dentro do que propunha o Sínodo.

Após o material estar pronto e aprovado por todos, organizamos então, a forma como seria realizada a escutatória em nossa Diocese, de forma que todos fossem ouvidos e expressassem como tem sido a nossa caminhada. Assim, definimos os encontros em quatro momentos diversos, chamados de Assembleias Sinodais. O primeiro momento a se realizar nas comunidades, com todos os seus membros e instituições, no qual seria realizado o estudo do material e respondidas as questões. O segundo momento, aconteceria a nível paroquial, com a participação das lideranças comunitárias, das pastorais e movimentos, nos quais compartilharíamos as respostas e, dessa forma, traçaríamos o rosto da paróquia.

O terceiro momento seria a realização das Assembleias por Forania, quando as seis Foranias da Diocese, as casas religiosas e as casas de formação se reuniriam para compartilhar e discutir as questões e, por fim, no quarto momento, a grande Reunião-Assembleia Sinodal Diocesana, com a participação dos leigos, religiosos, seminaristas e sacerdotes para juntos aprofundarmos as nossas discussões e chegar ao consenso do que representa a nossa Diocese.

Nesse percurso, percebemos como ponto alto o comprometimento da maioria das nossas comunidades em participar de todo o processo, tanto no momento em que se realizara nas próprias comunidades, quanto nos momentos em outras instâncias, a atenção dada às questões, a verdade das respostas, o envolvimento das diferentes pastorais e movimentos da diocese, a colocação das necessidades sentidas pelas comunidades no que tange à evangelização.

Percebeu-se nesse processo a necessidade de um maior cuidado com algumas pastorais, como o dízimo, a juventude, além da formação de nossos leigos para o serviço pastoral e o exercício de algumas missões específicas, como a coordenação das comunidades, por meio dos conselhos.

E como ponto baixo a ausência de algumas vozes importantes, como os jovens, que em nossa Diocese, tem uma participação pequena, ao contrário de outros momentos da história. Além disso, em algumas comunidades, a participação foi pequena, bem como a motivação de alguns.

Ressalta-se que coube aos párocos o serviço de animação para a realização do Sínodo em suas Paróquias, o que foi abraçado e realizado com zelo pastoral, de forma que, nos diferentes momentos, foi possível ter um momento oportuno de escuta, reflexão, diálogo e questionamento do que fora proposto.

2.3.1 A EXPERIÊNCIA SINODAL EM NOSSA DIOCESE

Como sabemos, o Sínodo propõe como questão fundamental “como se realiza hoje, a diferentes níveis (do local ao universal) aquele “caminhar juntos” que permite à Igreja anunciar o Evangelho, em conformidade com a missão que lhe foi confiada; e que passos o Espírito nos convida a dar para crescer como Igreja sinodal?” e para essa questão surgem dez horizontes temáticos que norteariam a nossa reflexão, a citar: Companheiros de viagem, Ouvindo, Falando, Celebração, Compartilhar a responsabilidade para nossa missão comum, Diálogo na Igreja, na Sociedade, Ecumenismo, Autoridade e Participação, Discernir e Decidir e Formando-nos em Sinodalidade. Tais questões nortearam nossa reflexão na produção do subsídio que orientou a realização das assembleias sinodais-comunitárias em nossa Diocese.

A partir dessas temáticas, organizamos as questões em seis eixos, que foram subdivididos em itens, que associavam os horizontes temáticos e a realidade pastoral e evangelizadora de nossa Diocese, considerando a releitura e reelaboração de nosso Projeto de Pastoral, em suas metas e fundamentos. Tudo isso em consonância às orientações da CNBB. E após a realização da Assembleia Diocesana, apresentamos da seguinte forma:

Questões pertinentes ao horizonte 1

I. A Comunidade Cristã é o lugar dos que se encontram com Cristo e, por isso, fizeram uma escolha, tomaram uma decisão: seguir a Cristo, configurados a Ele e em comunhão com os irmãos. Caminhando juntos, lado a lado.

a) Estamos mesmo fazendo da Comunidade o lugar do seguimento a Cristo, na experiência da comunhão? Sim, por meio da vivência da fé, da comunhão fraterna, da acolhida, do compromisso e da perseverança. Contudo, precisamos superar os obstáculos, esforçando-nos em sermos sensíveis e atentos ao outro, para tornarmos a comunidade o lugar pleno da comunhão e do acolhimento.

b) Nossa comunidade é um espaço que ajuda quem se achega a também se encontrar com Jesus para caminhar conosco? Em parte, porque apesar de termos a consciência do acolhimento, essa ainda é uma prática tímida, em virtude do comodismo, do individualismo, do fechamento, de grupos e o medo de perder espaços.

c) Quando dizemos "a nossa comunidade", quem é que faz parte dela? Todos os cristãos batizados, especialmente os que se tornam visíveis na sua participação ativa na vida em comunidade.

d) E com os que estão fora, que tipo de preocupação e atitude estamos tendo? Existe uma preocupação com os que estão de fora, porém, as ações ainda são pequenas. Precisamos investir em estratégias para fazer da comunidade uma Igreja em Saída.

e) Que pessoas, conscientemente, deixamos de fora e a que processo de conversão essa atitude nos chama? De forma visível, deixamos alguns grupos de fora: os que pensam diferente, os marginalizados e os que estão afastados da comunidade. Precisamos repensar a nossa postura e não nos deixar influenciar pelo relativismo e pela indiferença de nossa sociedade.

Questões pertinentes aos horizontes 2 e 3

II. A Comunidade deve ser um espaço que inspira abertura, onde todos se sentem confiantes para dizer o que pensam, o que sentem, sem serem julgados ou excluídos; saber escutar e falar, num profundo clima de respeito e acolhimento.

a) Quem a nossa comunidade tem deixado de escutar? Ouvimos, mas não escutamos a todos como deveríamos, dessa forma as vozes da minoria deixam de ser acolhidas.

b) Como são escutados, de modo particular, os jovens? Os jovens são escutados de forma muito limitada. Nossas comunidades ainda não propiciam a eles o lugar da vivência da fé a partir de suas realidades.

c) Como escutamos o contexto social e cultural em que vivemos? Não escutamos o contexto social como deveríamos, devido a sua complexidade atual, sendo ela social, cultural, humana e política. Somos mais influenciadas(os) por elas, do que seus influenciadores(as).

Questões pertinentes aos horizontes 4

III. Viver em Comunidade só é possível se nos basearmos na escuta comunitária da Palavra e na celebração da Eucaristia.

a) De que forma a oração (Adoração ao Santíssimo, Terços, Ofícios etc.) e a Celebração Litúrgica (os Sacramentos) inspiram e orientam a vida de nossa comunidade? Inspiram e visualizam a vivência comunitária e pessoal do seguimento a Cristo, sendo momentos positivos por orientar e fortalecer o ser cristão e o ser comunidade

b) Como está a participação da comunidade na Santificação do Dia do Senhor e como a nossa Equipe de Liturgia promove a participação ativa de todos?

A Santificação do Domingo acontece em quase todas as comunidades. Chama atenção muitos que ainda querem santificar o Domingo pelas redes sociais.

Contudo, ainda existem comunidades cuja participação ativa precisa melhorar, havendo necessidade de uma melhor consciência na organização e vivência litúrgica. Há comunidades onde a equipe de liturgia consegue envolver mais pessoas nos diversos serviços.

c) De que forma a nossa comunidade valoriza os Ministérios Leigos (da Celebração da Palavra e da Distribuição da Eucaristia)?

Já se percebe uma considerável melhora na escuta e aceitação do ministério leigo, mas, tem muita gente que só vai a celebração da comunidade se for Missa. O olhar pela formação e acompanhamento é necessário e urgente.

d) Como valorizamos e incentivamos a missão do Catequista em nossa comunidade?

A missão do catequista é entendida pela maioria como algo de suma importância para a evangelização de nosso povo. Há dificuldades em encontrar catequistas comprometidos. As comunidades sentem a falta do material diocesano que ainda não foi apresentado.

e) Como incentivamos a participação das crianças, adolescentes, jovens e adultos em nosso Itinerário Catequético?

A preocupação está em acolher bem e receber com atenção para que possam ter uma experiência permanente de fé. Porém, falta, como resultado prático, trazê-los para as celebrações e para o dia a dia da comunidade, bem como, um acompanhamento às suas famílias.

f) Nossa Comunidade está realizando os encontros de Círculos Bíblicos? Se sim, como? Se não, o que fazer?

Há uma diversidade de realidades. Em algumas paróquias, poucas comunidades estão fazendo os círculos bíblicos, outras estão com maior intensidade. Algumas nas casas, outras nas igrejas: há grupos maiores e menores. Enfrentamos algumas dificuldades no pós pandemia e realidade de violência. Precisa de um olhar mais cuidadoso pela organização e motivação.

Questões pertinentes aos horizontes 8, 9, 10

IV. A sinodalidade (“caminhar juntos”) é identidade e missão da Igreja, pois todos os seus membros são chamados à participação e à corresponsabilidade, do chão da Comunidade até a universalidade, pois não somos uma Igreja isolada em si mesma.

a) Em nossa comunidade como acontece a atuação do Conselho Pastoral Administrativo da Comunidade - CONPAC e como são escolhidos os seus membros?

Percebe-se que na maioria de nossas paróquias os Conselhos estão desarticulados. As que possuem carecem de formação e acompanhamento. Quanto à escolha, é feita de acordo a realidade da comunidade e por indicação e confirmado pelo pároco. Precisamos fazer valer as orientações da Diocese na escolha.

b) O CONPAC ajuda a nossa Comunidade a caminhar nesse espírito de comunhão e participação?

Onde o Conselho atua, realmente é notória a comunhão em toda a comunidade, pois a mesma se torna mais dinâmica e participativa, em espírito de comunhão. Em alguns momentos faltam em nossos Conselhos, formação, espiritualidade e ação para superar os desafios que surgem.

c) O CONPAC da nossa comunidade caminha em comunhão com as orientações do Conselho Administrativo Paroquial - CAP e o Conselho Paroquial de Pastoral - CPP?

As respostas são diversificadas: algumas, sim e outras, não. As que responderam sim resvalavam a comunicação e a ausência destes conselhos na própria comunidade. As que responderam não justificam a falta dessa organização, como orienta a diocese: CAP, CPP e CONPAC

d) A nossa comunidade se sente acompanhada e ajudada pela Secretaria Paroquial? E como esse serviço pode melhorar?

Há várias realidades. Algumas secretarias acompanham parcialmente, outras são mais atuantes. Sentimos falta de acolhimento em algumas, disponibilidade de materiais e horários em outras. A comunicação precisa ser mais efetiva e afetiva.

e) Como a nossa comunidade acolhe o Presbítero (padre) e colabora com ele na sua missão, como primeiro responsável de promover a comunhão e participação na nossa Rede de Comunidades?

No geral, nossas comunidades acolhem bem o padre, apoiando-o de forma respeitosa.

Questão pertinente ao horizonte 5

V. Uma Igreja de Comunhão e participação implica também que sejamos todos responsáveis pela sua sustentabilidade, contribuindo para que as ações pastorais, evangelizadoras e sociais possam ser concretizadas.

a) Em nossa Comunidade existe uma equipe de formação e coordenação da Pastoral do Dízimo? Se sim, como ela desenvolve o seu trabalho? Se não, o que fazer?

Quase unanime a ausência de equipe do dízimo nas comunidades. Esta atribuição é assumida pelo tesoureiro do CONPAC, ou coordenada por uma equipe paroquial. É preciso conscientizar a comunidade e formar lideranças comunitárias e paroquiais para assumirem esse serviço pastoral.

b) Em nossa comunidade temos assumido o dízimo como compromisso de fé?

Podemos afirmar que muitas pessoas assuem o dízimo como compromisso de fé e amor. No entanto, ainda falta a consciência de alguns do que é ser dizimista. Ressaltamos algumas situações: Precisamos desenvolver momentos específicos para mostrar a importância do ser dizimista; pessoas devolvem o dízimo, mas não participam da comunidade; outras são atuantes mas não devolvem; há também pessoas que contribuem para outros movimentos e instituições e não ajudam a comunidade.

Questões pertinentes aos horizontes 6 e 7

VI. O diálogo é um caminho de perseverança, que inclui também silêncios e sofrimentos, mas é capaz de recolher a experiência das pessoas e dos povos.

a) Como a nossa comunidade se relaciona com os sistemas dos Meios de Comunicação social?

Utilizamos para evangelização das famílias; para que as informações cheguem às nossas comunidades; atuação da PASCOM como um ganho. Há também, um desafio, pois a maioria das pessoas da comunidade são idosos e têm dificuldade de lidar com essas novas ferramentas, como também a dificuldade de filtrar informações.

b) Que relacionamento a nossa comunidade mantém com os irmãos e as irmãs das outras Confissões cristãs e de outras religiões?

Temos um relacionamento de tolerância, respeito e até convivial, mas precisamos superar julgamentos, preconceitos, resistências e distanciamentos. Não há um diálogo inter-religioso e ecumênico entre as religiões na maioria de nossa realidade.

c) A nossa comunidade caminha em diálogo e colaboração com as associações e sindicatos que defendem os nossos direitos e beneficiam os trabalhadores e trabalhadoras?

Já caminhamos de forma mais efetiva e com alcance de conquistas significativas. Atualmente estas entidades estão enfraquecidas e falta um diálogo mais constante com as comunidades devido a desmotivação e desvinculação causadas pela incompreensão da importância da militância política. Dessa forma, precisamos melhorar o diálogo para desenvolver ações em prol do bem comum.

d) Em nossa Comunidade temos a consciência de que a nossa fé nos convida a um compromisso político-social com a defesa da Vida, dos Direitos Humanos e da Casa Comum, principalmente por meio de Políticas Públicas? Temos uma consciência ainda muito frágil. Faltam uma participação e disponibilidade de irmãos para essa missão e clareza quanto à importância da luta pelos direitos e da efetivação de políticas públicas, confundindo-as com “politicagens”. Existe uma simpatia e acolhimento ao que a Igreja propõe, sobretudo, a partir do magistério do

Papa Francisco. Precisamos transformar a simpatia em ações efetivas e esclarecimentos em defesa da vida, dos Direitos Humanos e do cuidado com a casa comum.

2.3.2- CONCLUSÃO

A realização das Assembleias Sinodais foi para a nossa Diocese um tempo de graça e reflexão, porque, por meio delas, foi possível refletir a nossa caminhada, partindo dos olhares e vozes das pessoas que constituem as nossas comunidades. Dentre muitos pontos positivos, destaca-se o tempo de diálogo e a oportunização da participação de todos, pois fomos partindo das esferas mais locais e quando chegamos a etapa diocesana, sentíamos contempladas todas as nossas comunidades e paróquias.

Pudemos olhar o chão de nossa história e perceber que em muitos pontos nos afastamos e precisamos, efetivamente, repensar o nosso jeito de caminhar, como por exemplo, investir na formação dos leigos, formação permanente do Clero, a Ordenação de Diáconos Permanentes com a formação e acompanhamento contínuos. Repensar estratégia para acolher, ouvir e inserir os jovens em nossas comunidades, fortalecer ações de cunho social em nossas paróquias, fortalecendo a consciência profética e cidadã, em favor da vida e da promoção de políticas públicas, como maior fortalecimento na participação dos Conselhos Municipais, escutando e apoiando ainda mais a luta pelos direitos e pela defesa da cidadania.

Quanto à participação, ao caminhar junto, à corresponsabilidade, percebemos que é preciso fortalecer os serviços Leigos, especialmente na constituição dos Conselhos Comunitários e Paroquiais, fomentar a pastoral do dízimo para promover a sustentabilidade de nossas comunidades e paróquias, com a formação para o dízimista consciente da sua responsabilidade a comunidade.

Vimos que ainda precisamos amadurecer e crescer muito nas relações interpessoais, especialmente no trato com os diferentes e dos que estão afastados, fazendo de fato da comunidade a casa de portas abertas, para que todos que dela se aproximem, sintam-se, de fato, acolhidos e em casa. Entendemos que precisamos ouvir a todos e precisamos melhorar nesse sentido, especialmente ao dar voz e vez aos que pensam diferente, aos que são minoria, aos nossos jovens, que tantos apelos fazem. Assim o diálogo, o caminho de comunhão, da acolhida e o lugar da participação.

Quanto ao celebrar percebemos que crescemos muito, especialmente na motivação para a santificação do domingo, mas precisamos ainda mais fortalecer as equipes de liturgia, para que a participação nas celebrações seja de fato consciente, efetiva e frutuosa, conforme nos pede a Sacrossantum Concilium. Embora sejam valorizados, os ministérios leigos ainda precisam ser mais bem acolhidos nas comunidades.

Por fim, a necessidade de formação de nossos leigos é evidente, quando apresentam o desejo de conhecer melhor, para assumir sua missão. Desse modo, entendemos que a comunidade, formada por todos os batizados, casa de portas abertas, é o lugar de todos e para todos, onde experimentando o encontro com o Senhor, temos a oportunidade de transformar nossa vida, comprometendo-nos com a missão, rumo ao reino.

Que o Senhor nos ajude a, caminhando juntos, fazê-lo mais conhecido, amado e servido.

3. OBJETIVOS E METAS

Os objetivos devem ser renovados periodicamente, em conformidade com as Diretrizes da CNBB, em vista sempre de uma revisão da caminhada pastoral da Diocese. Já as metas compreendem um conteúdo quantitativo e mensurável e devem ser enunciadas focalizando exatamente o resultado que se quer alcançar.

3.1 O OBJETIVO GERAL DA IGREJA NO BRASIL (CNBB)

EVANGELIZAR

no Brasil cada vez mais urbano,
pelo anúncio da Palavra de Deus,
formando discípulos e discípulas de Jesus Cristo,
em comunidades eclesiais missionárias,
à luz da evangélica opção preferencial pelos pobres,
cuidando da Casa Comum e
testemunhando o Reino de Deus rumo à plenitude.

3.2 OBJETIVO GERAL DA IGREJA PARTICULAR DE AMARGOSA

EVANGELIZAR

em uma Igreja Rede de Comunidades Missionárias,
lugar do encontro com Jesus Cristo,
pelo anúncio da Palavra de Deus, num mundo cada vez mais urbano,
à luz da evangélica opção preferencial pelos pobres,
cuidando da Casa Comum e
testemunhando o Reino de Deus rumo à plenitude.

3.3 OBJETIVOS ESPECÍFICOS DA IGREJA PARTICULAR DE AMARGOSA

- 1 Dar continuidade ao processo de inserção dos discípulos missionários de Jesus Cristo, em um percurso de Iniciação à Vida Cristã que se configure como um itinerário de formação, com inspiração catecumenal, centrado na *Palavra de Deus*.
- 2 Promover uma *liturgia* que conduza os fiéis a mergulhar no mistério de Deus, pela força da oração pessoal e comunitária, vivenciando os sacramentos sem deixar o chão concreto da história.
- 3 Promover, a partir do Evangelho, de forma unida e organizada, ações que favoreçam a transformação da sociedade, o cuidado com a Casa Comum, para que todos possam ter *vida plena*.
- 4 *Sair para o anúncio explícito de Jesus Cristo*, por meio do testemunho, despertando as pessoas a uma adesão a Ele e ao seu modelo de vida.

3.4 METAS DIOCESANAS

- Santificar o Domingo em todas as comunidades;
- Assegurar a formação permanente do clero, religiosos, religiosas e do laicato;
- Criar e/ou Dinamizar as Equipes de Liturgia em todas as comunidades;
- Criar e/ou Dinamizar os Conselhos em todos os seus níveis (CAP, CPP e CONPAC);

- Fortalecer o Dízimo como fonte de sustentabilidade da ação pastoral em todas as comunidades nas suas dimensões: religiosa, caritativa, missionária e eclesial;
- Favorecer o processo de criação de mais comunidades eclesiais missionárias;
- Assegurar uma catequese bíblico-litúrgica que favoreça uma efetiva Iniciação à Vida Cristã em todas as comunidades para todos os níveis: crianças, adolescentes, jovens e adultos;
- Garantir em todas as comunidades uma pastoral inclusiva;

4. ESTRUTURA PASTORAL DA AÇÃO EVANGELIZADORA DA DIOCESE DE AMARGOSA

Para favorecer melhor o andamento de uma Igreja Rede de Comunidades, pastoral de conjunto, é necessário tomar em consideração a estrutura já vigente, porém, sustentando a abertura às novas exigências da Evangelização. Desse modo, a Diocese de Amargosa está organizada da seguinte forma:

4.1 CONSELHO DIOCESANO DE PASTORAL (CDP)

O Conselho Diocesano de Pastoral é um serviço que visa promover a unidade e a comunhão, organizando a Ação Evangelizadora e Pastoral, de forma articulada e como mecanismo de participação. Formado por fiéis, religiosos (as) e clero, que buscam promover a integração das pastorais, movimentos, organismos, grupos e serviços, para que a Evangelização seja eficaz, possibilitando a vivência da comunhão.

Sua primeira finalidade é criar relações, facilitando a participação, desenvolvendo a sociabilidade, levando à cooperação, estimulando a corresponsabilidade, realizando a interação e tornando eficaz o conjunto da caminhada evangelizadora, a Pastoral de Conjunto, numa Igreja sinodal.

O Conselho Diocesano de Pastoral é constituído pelo Bispo Diocesano, Vigário Geral, Coordenador Diocesano de Pastoral, Vigários Forâneos, os secretários leigos de cada Forania, um representante da CRB, o Presidente da CNLB, pelos padres articuladores das Comissões.

4.2 COORDENADOR DIOCESANO DE PASTORAL

O Coordenador Diocesano de Pastoral é nomeado pelo bispo, para auxiliá-lo na coordenação da pastoral da Diocese. Este deve animar a implementação do Projeto Pastoral e iniciativas que favoreçam para a promoção e articulação da pastoral de conjunto, visando sempre a evangelização.

4.2.1 Atribuições do Coordenador Diocesano de Pastoral

- Atuar em comunhão com o Bispo Diocesano para animar, incentivar e articular as pastorais, movimentos, associações, serviços e organismos eclesiais em nível diocesano;
- Coordenar as Assembleias Diocesanas de Pastoral;
- Articular o Conselho Diocesano de Pastoral;
- Organizar a pauta das reuniões do CDP, em comunhão com o Bispo Diocesano.
- Participar das reuniões das Foranias, favorecendo a unidade nas ações pastorais a nível diocesano
- Acompanhar os Vigários Forâneos no exercício das suas atribuições;
- Acompanhar as escolas de formação da Diocese;
- Participar das reuniões e assembleias regionais e sub-regionais da CNBB;
- Animar a execução do Projeto Pastoral priorizando suas metas;
- Organizar o calendário das atividades pastorais a nível diocesano;
- Coordenar as atividades do Secretariado de Pastoral.

4.3 COMISSÕES DIOCESANAS

À luz das novas Diretrizes da Ação Evangelizadora da Igreja no Brasil, foram confirmados os quatro pilares – Palavra, Pão, Caridade e Ação Missionária, como elementos constitutivos e sustentadores da caminhada

pastoral da Diocese de Amargosa. Assim, a organização da Ação Pastoral da Diocese de Amargosa se dá conforme a estrutura abaixo proposta:

- As Comissões Diocesanas Pastorais, representativas dos diversos segmentos de atuação pastoral dentro da Diocese, constituem-se como organismo de coordenação e execução das suas atividades.
- Os organismos nacionais vinculados à CNBB, presentes na Diocese, reger-se-ão pelos seus Estatutos e sempre em comunhão com o Conselho Diocesano de Pastoral – CDP.
- Cada comissão terá suas orientações próprias de competências e funcionamento, devendo estas serem aprovadas pelo CDP.
- Cada comissão será acompanhada por um padre articulador, escolhido em reunião do Clero, para um quadriênio, coincidindo com o período das DGAE. Quando este, por alguma necessidade precisar ser substituído, o substituto completará apenas o mandato do antecessor.
- Cada comissão terá sua equipe coordenadora constituída pelo articulador e coordenadores diocesanos das pastorais, movimentos e organismos que fazem parte desta mesma comissão.
- O articulador, ouvindo seus pares, escolherá um dos membros da equipe para a função de secretário.
- Cada comissão terá seu *Plano de Ação*, elaborado à luz do Projeto Diocesano de Pastoral e concretizado em comunhão com os grupos que a integram.
- As comissões deverão promover, periodicamente, encontros de formação, articulação, intercâmbio, planejamento e avaliação.
- Ficam instituídas as seguintes Comissões Diocesanas Pastorais, integradas pelas pastorais, movimentos e organismos, conforme definição da Assembleia e aprovação do Bispo Diocesano:

4.3.1 Comissão Diocesana para os Ministérios Ordenados e a Vida Consagrada

- **Pastoral Vocacional (PV)**
Seminários: Propedêutico e Maior
- **Coordenação Diocesana do Diaconato Permanente**
- **Pastoral Presbiteral**
- **Conferência dos Religiosos do Brasil (CRB)**

Fundamentação:

A Comissão Diocesana para os Ministérios Ordenados e a Vida Consagrada, tem como missão despertar, discernir, cultivar, animar, promover e acompanhar as Vocações e os ministros ordenados na Diocese de Amargosa.

A comissão deve favorecer aos batizados as condições necessárias para a vivência da sua vocação específica por meio da motivação realizada pela Pastoral Vocacional (PV), e ajudar e acompanhar a formação para o Ministério Ordenado por meio dos Seminários. Também terá a incumbência de acompanhar a formação dos diáconos permanentes na Diocese de Amargosa. A Diocese abraça com força e vigor o que a Comissão da CNBB elegeu como seu eixo condutor: “A partir de Jesus Cristo, Verbo Encarnado, à luz das Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora da Igreja no Brasil (DGAE), comprometemo-nos a ser uma Igreja servidora, que nos chama a estar com Ele, formando e enviando em missão”.

4.3.2 Comissão Diocesana para o Laicato, Ação Missionária e Educação,

4.3.2.1 SETOR LAICATO

- **Conselho Nacional do Laicato do Brasil (CNLB)**
- **Movimentos Eclesiais e Associações de fiéis¹**
- **Novas Comunidades - Shalom**

4.3.2.2 SETOR AÇÃO MISSIONÁRIA

- **Conselho Missionário Diocesano (COMIDE)**

¹ Conforme o Canôn 2015 – Código de Direito Canônico

- Conselho Missionário de Seminaristas (COMISEs)
- Infância e Adolescência Missionária (IAM)
- Pastoral do Dízimo

4.3.2.3 SETOR EDUCAÇÃO E UNIVERSIDADES

- Pastoral da Educação e Ensino Religioso
- Pastoral Universitária
- Centros de Estudos e Pesquisas para o Diálogo Inter-religioso e Intercultural

4.3.2.4 SETOR COMUNICAÇÃO SOCIAL

- Pastoral da Comunicação
- Radiodifusão

Fundamentação:

Esta comissão deve acompanhar, assessorar e promover a identidade, vocação, espiritualidade e missão dos cristãos leigos e leigas na Igreja, para que sejam sal da terra e luz do mundo (Cf Mt, 5,13). Acompanha, junto a comunidades, a organização e realização de reuniões, encontros, seminários dos Conselhos existentes nas Paróquia: CAP (Conselho Administrativo Paroquial); CPP (Conselho Paroquial de Pastoral) e CONPAC (Conselho Pastoral e Administrativo da Comunidade). Também tem o compromisso de estimular, acompanhar e fortalecer o processo de articulação e organização do laicato, através do Conselho Nacional do Laicato do Brasil (CNLB) no âmbito da Diocese de Amargosa.

A comissão preside e coordena o Conselho Missionário Diocesano (COMIDI); em comunhão com o Regional, através dos Conselhos Missionários Regionais (COMIRE) e articular para efetivação dos Conselhos Missionários Paroquiais (COMIPAs); promovendo a espiritualidade e a formação das mesmas. A promoção da pastoral orgânica, sinal da unidade, comunhão e solidariedade eclesiais, é de responsabilidade desta comissão, favorecendo a integração dos Movimentos, Serviços Eclesiais, Associações Laicais com seus carismas e as novas comunidades.

Sabendo que na CNBB (Conferência Nacional dos Bispos do Brasil) são duas comissões distintas, em vista do bom andamento da ação pastoral, e da praticidade dela em nossa Diocese optou-se por fundi-las formando uma única.

Em comunhão com as prioridades do Regional Nordeste 3 da CNBB, o qual a Diocese de Amargosa faz parte, é de urgência o acompanhamento da Educação e ensino religioso. Assim, a Diocese, por meio desta comissão, organizará um trabalho tomando como base as propostas da Comissão Episcopal para Educação e Cultura da CNBB que trabalha por setores com suas responsabilidades, a saber:

Tem a missão de evangelizar no mundo da cultura e da educação no país. As atividades desenvolvidas são baseadas em cinco eixos de atuação, os Setores da Educação, Cultura, Universidades, Ensino Religioso e os Bens Culturais.

Cultura, busca estimular e intensificar o diálogo com as diversas expressões da cultura, especialmente a latino-americana, tanto popular quanto do campo geral das artes, da vida acadêmica e do meio intelectual, resgatando e valorizando também as tradições culturais católicas. Além disso, cabe ao setor promover, nesse âmbito, a presença pastoral junto aos empresários, dirigentes cristãos de empresas e empreendedores cristãos.

Educação, promove encontros para a partilha de experiências, de articulação e de formação de educadores. Elabora subsídios formativos sobre temas relacionados à Pastoral da Educação e sua importância. Estimula a criação da Pastoral da Educação nas dioceses onde ainda não exista e acompanha as escolas gerenciadas por instituições católicas, sejam as vinculadas à Associação Nacional de Educação Católica do Brasil (ANEC) sejam outras. Além de estimular o acompanhamento das políticas públicas de educação e a participação nas instâncias municipal, estadual e federal.

Ensino Religioso, mantém o serviço de assessoria permanente ao episcopado, professores e pesquisadores da área. Para isso, acompanha a reflexão e prática sobre esta área de conhecimento na rede pública e rede particular de ensino, tomando como foco principal

os estudantes, seus interesses e necessidades; e as metodologias que lhes possibilitem o ensino-aprendizagem, considerando a linguagem como instrumento de aproximação entre todos; as atitudes de respeito, abertura, compreensão, acolhida mútua no exercício da liberdade religiosa, em ambiente escolar e além dele.

Universidades, articula a ação evangelizadora nesse meio, partindo da valorização da pessoa e do fortalecimento da vida de comunhão, favorecendo o anúncio de Jesus Cristo, o atendimento pastoral a estudantes, professores, funcionários e familiares, resgatando assim a histórica presença profética da Igreja nesse meio.

Bens Culturais, colabora através de parcerias, com os Regionais e, através deles, com Igrejas particulares em seus projetos relativos à preservação da cultura popular e sua memória, intermediando, quando necessário, o relacionamento com os organismos do Estado relacionados a esse tema. Além de articular com o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico nacional (IPHAN), em vista do apoio as Igrejas e institutos de vida consagrada em suas ações relativas aos bens culturais da Igreja, em sintonia com o setor correspondente da Comissão episcopal para Liturgia da CNBB. (Disponível em: <https://www.cnbb.org.br/comissao-para-cultura-e-educacao-da-cnbb-atua-na-articulacao-e-expansao-das-atividades-evangelizadoras-da-igreja/>. Acesso em 22 de nov. 2019)

Sabemos o quanto é vasto a Diocese de Amargosa, quando se reflete sobre a educação, a cultura e outras realidades, em que não se pode fechar os olhos, pois é preciso que esta comissão esteja atenta e possa acompanhar, ajudar os problemas de nossa educação e do ensino religioso.

Esta comissão tem por missão promover a unidade dos cristãos e o diálogo inter-religioso na Diocese de Amargosa, conforme as orientações do Magistério. Cabe à Comissão permanecer ligado ao Regional da CNBB para criar o seu próprio Centro de *Estudos e Pesquisas para o Diálogo Inter-religioso e Intercultural*, para que esta dimensão da Igreja seja viva na Diocese de Amargosa a partir da base, favorecendo reflexões e encontros com lideranças, igreja de outras tradições religiosas ou da ramificação do cristianismo.

Enfim, a Diocese de Amargosa por meio dessa comissão, implantará um serviço articulado no apoio a ela em todas as esferas. Assim, por meio de um planejamento e organização para a articulação de programas e projetos na diocese, principalmente por meio da Pastoral da Comunicação e do sistema de Rádio da Diocese. Estimular o acompanhamento nos diversos serviços de comunicação social, cada vez mais crescente, animando-as na evangelização por meio das mídias, através de encontros e subsídios formativos para agentes da PASCOM nas paróquias da Diocese.

4.3.3 Comissão Diocesana para a Animação Bíblico-Catequética

- **Catequese (em todas as instâncias e etapas)**
- **Equipe de Subsídios**
- **Círculos Bíblicos**
- **Escola Diocesana de Teologia – EDITA**
- **Pastoral do Surdo**

Fundamentação:

O Documento da quinta Conferência Episcopal Latino Americano e Caribe, em Aparecida, exorta-nos da importância da animação bíblica:

Os discípulos de Jesus desejam alimentar-se com o Pão da Palavra: querem chegar à interpretação adequada dos textos bíblicos, empregá-los como mediação de diálogo com Jesus Cristo, e a que sejam alma da própria evangelização e do anúncio de Jesus a todos. Por isso, a importância de uma “pastoral bíblica”, entendida como animação bíblica da pastoral, que seja escola de interpretação ou conhecimento da Palavra, de comunhão com Jesus ou oração com a Palavra, e de evangelização inculturada ou de proclamação da Palavra. Isso exige, da parte dos bispos, presbíteros, diáconos e ministros leigos da

Palavra, uma aproximação à Sagrada Escritura que não seja só intelectual e instrumental, mas com coração “faminto de ouvir a Palavra do Senhor” (Am 8,11). (DAp, n. 248).

A comissão tem por principais atividades:

- a) impulsionar a Animação Bíblica de toda a Pastoral;
- b) estimular a implantação da Iniciação à Vida Cristã, com inspiração catecumenal, uma catequese mistagógica baseada no RICA;
- c) promover iniciativas de formação, especialmente as Escolas Bíblico-Catequéticas ou a EDITA (Escola Diocesana de Teologia), conseqüentemente as paróquias;
- d) elaborar subsídios para a formação;
- e) fazer da animação bíblico-catequética uma ação transformadora focada no cuidado de toda a vida.
- f) elaborar os temários unificados das festas de padroeiros para todas as comunidades da Diocese;
- g) elaborar, coordenar os círculos bíblicos da Diocese, por meio da sua equipe;

4.3.4 Comissão Diocesana para a Liturgia

4.3.4.1 SETOR (EQUIPE) ARTE SACRA E ESPAÇO LITÚRGICO.

4.3.4.2 SETOR (EQUIPE) MÚSICA LITÚRGICA E CANTO PASTORAL.

4.3.4.3 SETOR (EQUIPE) PASTORAL LITÚRGICA.

- **Coordenação Diocesana do Ministérios Leigos**
- **Coordenação Diocesana para o serviço dos Coroinhas**

Fundamentação:

Essa comissão tem como principal missão de promover, fortalecer e acompanhar a vida litúrgica da Diocese de Amargosa e o seu processo de renovação e inculturação, pois a “missão da Igreja nasce da “dimensão celebrativa” e festiva da fé cristã centrada no mistério pascal de Cristo Salvador, em particular na Eucaristia” (DAp 99). A Liturgia é o ponto de partida e de chegada de toda ação na vida da Igreja. O Documento *SACROSANCTUM CONCILIUM* (n. 44 a 460) Insiste para que as dioceses tenham suas comissões diocesanas de Liturgia.

Convém que a autoridade eclesiástica territorial competente, a que se refere o art. 22 § 2, crie uma Comissão litúrgica, que deve servir-se da ajuda de especialistas em liturgia, música, arte sacra e pastoral. A Comissão deverá contar, se possível, com o auxílio dum Instituto de Liturgia Pastoral, de cujos membros não se excluirão leigos particularmente competentes, se for necessário. Será atribuição da dita Comissão dirigir, guiada pela autoridade eclesiástica territorial, a pastoral litúrgica no território da sua competência, promover os estudos e as experiências necessárias sempre que se trate de adaptações a propor à Santa Sé. Crie-se igualmente em cada diocese a Comissão litúrgica, em ordem a promover, sob a direção do Bispo, a pastoral litúrgica. Poderá suceder que seja oportuno que várias dioceses formem uma só Comissão para promover em conjunto o apostolado litúrgico. **Criem-se em cada diocese, se possível, além da Comissão litúrgica, Comissões de música sacra e de arte sacra.** É necessário que estas três Comissões trabalhem em conjunto, e não raro poderá ser oportuno que formem uma só Comissão.

4.3.5 Comissão Diocesana para Família e Juventude

4.3.5.1 SETOR FAMÍLIA

- **Pastoral Familiar**
- **ECC**

4.3.5.2 SETOR JUVENTUDE

- **Pastoral da Juventude**
- **Movimentos Juvenis**

Fundamentação:

O Setor Família está a serviço da missão na Diocese de Amargosa, deixado ser interpelada pelo princípio constante de *Igreja a serviço da vida plena*. Busca desenvolver projetos e atividades que favoreçam e promovam a cultura da valorização da vida desde a fecundação até o declínio natural; bem como promover a família, como dom precioso, como Igreja doméstica e o recurso indispensável para a pessoa e a sociedade. Sua metodologia deve se basear na comunhão e na participação dos diversos agentes da Pastoral Familiar, e de outros organismos que trabalha com a família, como por exemplo, o ECC (Encontro de Casais com Cristo), ou seja, todos os organismos voltados para a evangelização das famílias, e que ajudem num crescimento e tomada de consciência da valorização e defesa da família e da vida.

Assim o setor promove e defende a vida, a evangelização da família, nas suas diversas realidades, inspirando ações concretas na evangelização de nossas famílias, dos valores cristãos nos critérios presentes que alimenta a fé e a esperança de uma nova sociedade.

O Setor Juventude “é o espaço que articula, convoca e propõe orientações para a evangelização da juventude, respeitando o protagonismo juvenil, a diversidade dos carismas, a organização e a espiritualidade para a unidade das forças ao redor de algumas metas e prioridades comuns (CNBB, Doc. 85, n. 193)

4.3.6 Comissão Diocesana para Ação Social Transformadora

- **Caritas**
- **Pastoral da Criança**
- **Pastoral da Pessoa Idosa**
- **Pastoral da Saúde**
- **Instituto de Fé e Cidadania**
- **Pastoral da Sobriedade**
- **Pastoral Carcerária**

Fundamentação:

Esta comissão tem a missão de cuidar de forma singular do pilar da caridade, embora todas as outras tenham a mesma reponsabilidade, por meio das pastorais sociais a busca e o cuidado com a vida plena de forma mais concreta. O seu propósito é cuidar da vida e defendê-la, com fidelidade ao Evangelho e a Doutrina Social da Igreja; contribuir, à luz da Palavra de Deus, da Doutrina Social da Igreja e das Diretrizes diocesanas na promoção da pessoa e da comunidade, tornando-as protagonistas e sendo promotora e defensora da vida, transformando a sociedade em vista do Reino de Deus. Vivendo uma espiritualidade de uma Igreja samaritana, transformadora e profética é justamente neste processo que se vivencia de uma Igreja que cuida do pobre daquele que por razões sociais está com a vida ameaçada. A Comissão apoia, estimula e coordena as atividades de formação, espiritualidade e acompanhamento no campo social e político, principalmente no Instituto de fé e Cidadania.

4.4 ATRIBUIÇÕES AOS PADRES REFERENCIAIS DAS PASTORAIS, MOVIMENTOS E ORGANISMOS.

- I) Ser o elo entre a pastorais, movimentos e/ou organismos e o clero diocesano;
- II) Acompanhar e participar das atividades da pastoral, movimentos e/ou organismos presentes na Diocese;
- III) Orientar e animar a mística/carisma da pastoral, movimentos e/ou organismos adequando-os às normas e orientações oficiais da Igreja;
- IV) Participar das Assembleias Diocesanas da pastoral, movimentos e/ou organismos presentes na Diocese;
- V) A escolha dos Coordenadores deve acontecer concomitantemente com a eleição do Articulador da Comissão, respeitando os critérios para tanto já estabelecidos.

4.5 ORIENTAÇÕES À COORDENAÇÃO DIOCESANA DE PASTORAIS, MOVIMENTOS E ORGANISMOS

- I) Para a escolha da Coordenação Diocesana, cada pastoral, movimento e/ou organismo deve fazer a sua eleição e apresentar o nome ao Bispo Diocesano que, ratificando-o, o apresentará ao Articulador da Comissão.
- II) As coordenações deverão ser compostas por um representante de cada Forania, eleito para o mandato de quatro anos.
- III) A Coordenação Diocesana de cada pastoral, movimento e/ou organismo deve ter disponibilidade para participar dos eventos Diocesanos que a envolva (assembleias, encontros e seminários), tendo presente as prioridades da Diocese no Planejamento Pastoral e a necessária abertura para a comunhão pastoral, assegurando as informações que possam nutrir a assessoria de comunicação da Diocese.

4.6 IDENTIDADE E MISSÃO DAS FORANIAS

Para facilitar o cumprimento do mandato missionário (*cf.* Mt 28,19), a Diocese de Amargosa tem o seu território dividido em seis Foranias. Cada uma é confiada a um sacerdote, denominado de Vigário Forâneo.

4.6.1 Competência do Vigário Forâneo:

- a. O Vigário Forâneo é escolhido pelos padres da Forania, tendo o seu nome ratificado pelo Bispo, para um período de quatro anos, sempre observando o tempo de atualização das DGAE.
- b. A Forania é por excelência o espaço de formação em vista de manter a unidade/comunhão. Para tanto deve criar uma equipe de coordenação composta pelo Vigário Forâneo, demais sacerdotes e coordenadores de pastorais, movimentos e/ou organismos das Paróquias que a integram.
- b.1 Os coordenadores das pastorais, representantes da Forania, deverão compor automaticamente a coordenação diocesana de cada pastoral, movimento ou organismo
- c. A Forania apresentará um representante leigo para a composição do CDP (Conselho Diocesano de Pastoral), que conseqüentemente, se tornar-se-á o secretário da Forania
- d. Cada Forania definirá outros elementos de sua estrutura organizacional e de Ação Evangelizadora, tais como: encontros de formação, planejamento, articulação e avaliação.

4.6.2 As principais finalidades da Forania são:

- Promover a pastoral orgânica, o intercâmbio e a partilha de experiências e preocupações entre as Paróquias e facilitar o encontro dos setores e pastorais afins.
- Descentralizar e tornar mais ágil a aplicação das decisões e orientações pastorais do Regional e da Diocese nas paróquias.
- Possibilitar a participação de maior número de agentes pastorais nos momentos formativos, de aprofundamentos e nos encaminhamentos pastorais.
- Encaminhar ao CDP assuntos pastorais que devem ser tratados em âmbito diocesano.
- Cabe ao secretário da Forania manter os arquivos e livros de Ata da mesma atualizados, facilitando assim, a confecção de relatório sobre a atuação e a situação Pastoral da Forania.

4.7 ORGANIZAÇÃO PAROQUIAL DAS PASTORAIS

A setorização da paróquia é uma indicação do documento n. 100 da CNBB, que favorece a comunhão entre as integrantes de uma mesma Rede de Comunidades, com o melhor acompanhamento do CAP e CPP. Assim, a organização da estrutura paroquial, segundo o Projeto Diocesano, já iniciado no ano de 2000, permanece assim:

4.7.1 Setorização das paróquias

A paróquia, compreendida como uma rede, pode buscar como meio para a sua atuação pastoral a setorização das comunidades, como indica o Documento 100 da CNBB (Comunidade de comunidades). O setor

é uma unidade formada por comunidades próximas que partilham a sua forma de vida, tornando-se um espaço de formação dos fiéis e acompanhamento das pastorais e movimentos.

Cada paróquia deve realizar a setorização de acordo com sua realidade, levando em consideração a quantidade de comunidades, distância e extensão territorial. Todavia, é importante compreender que não basta demarcar territórios, é preciso identificar quem vai animar e coordenar esses setores. O protagonismo dos leigos e os ministérios a eles confiados são determinantes para o êxito da setorização. A setorização também exige um planejamento da paróquia como rede, evitando a concentração na “matriz”.

4.7.2 CAP – Conselho Administrativo Paroquial

Grupo de fiéis idôneos que, em comunhão com o pároco, cuida dos bens móveis e imóveis e semoventes da comunidade paroquial, bem como do cumprimento dos seus deveres sociais, em vista da eficácia e sustentação da Ação Evangelizadora (CDC 536).

Obs. Estatuto em anexo

4.7.3 CPP – Conselho Paroquial de Pastoral

O Conselho Paroquial de Pastoral é constituído: pelo pároco, vigário e diácono (onde houver) uma religiosa de cada casa existente na paróquia, pelos coordenadores das pastorais; nas paróquias onde for possível, um representante de cada setor da Rede de Comunidades, um representante do CAP, se o pároco julgar necessário, indicar dois leigos que não assumem nenhuma coordenação, mas que por sua experiência e vivência comunitária, podem ajudar nos trabalhos a serem desenvolvidos.

4.7.4 As Pastorais no Chão da Comunidade

O CONPAC (**Conselho Pastoral Administrativo Comunitário**) é o responsável pela animação e sustentação do processo de evangelização na comunidade. Tudo deve acontecer no chão das comunidades, onde as metas pastorais se fazem presentes. Desta forma, vale a afirmação de que a grande protagonista da evangelização é a comunidade enraizada na Santíssima Trindade, com seus Pilares e suas Dimensões.

Os CONPAC's terão sua composição de 7 (sete) membros, a partir da indicação de um representante de cada grupo, movimento e pastoral presentes e atuantes na comunidade. Podendo também, se o pároco julgar necessário, indicar dois leigos que não assumem nenhuma coordenação, mas que por sua experiência e vivência comunitária, podem ajudar nos trabalhos a serem desenvolvidos.

O CONPAC deverá, em meio às suas atribuições, promover anualmente à Assembleia Comunitária como instância maior da organização das comunidades.

5. AGIR - TRANSFORMAR A REALIDADE - LINHAS DE AÇÕES

5.1.1 Pilar do Palavra

- Fortalecer a prática da Leitura Orante;
- Fomentar as escolas bíblicas paroquiais;
- Promover momentos de oração/espiritualidade para as Paróquias (retiros);
- Fortalecer o círculo bíblico;
- Criar formações específicas para os animadores de círculos bíblicos;
- Proporcionar a preparação dos catequistas (diversas etapas) na perspectiva da IVC;
- Elaborar material para catequese, na perspectiva da Pastoral dos Surdos.

5.1.2 Pilar da Pão

- Propor ensaios mistagógicos de cantos litúrgicos a nível paroquial e comunitário;
- Relacionar Fé e Vida do povo na liturgia;
- Escola de Liturgia Diocesana para os coordenadores paroquiais e padres;
- Cultivar a mística na liturgia;
- Favorecer momentos de oração pessoal e comunitária;
- Celebrar de forma inculturada (realidade da comunidade);
- Trabalhar a cultura do silêncio em nossas celebrações;
- Incluir nas formações os diversos grupos e pastorais;
- Criar um material/diretório para os sacramentos e adoração ao santíssimo.
- Criar um Diretório de Diocesano para Coroinhas;
- Criar um Diretório Diocesano para Ministros Leigos;

5.1.3 Pilar da Caridade

- Motivar, acompanhar e informar os representantes da igreja nos organismos de controle social;
- Retomar o diálogo da Igreja diocesana com os sindicatos e associações;
- Incentivar e formar os leigos para uma participação no campo político;
- Criar uma campanha diocesana em defesa da vida com ênfase na superação dos ciclos de violência (crianças, jovens e mulheres);
- Incentivar o fortalecimento ou a criação das pastorais sociais, com ênfase na sobriedade, criança, saúde e carcerária;
- Efetuar o aspecto social do dízimo nas Paróquias, garantindo a sustentabilidade das ações pastorais e sociais;
- Realizar o dia “D” da Ecologia;
- Criar um fundo solidário diocesano para apoio das ações concretas das CF;
- Ajudar o povo a conhecer a doutrina social da Igreja;

5.1.4 Pilar da Ação Missionária

- Realizar Formações missionárias;
- Investir na espiritualidade (Retiro);
- Fortalecer e/ou criar grupos missionários;
- Realizar Jornadas Missionárias e Santas Missões Populares;
- Setorizar as paróquias;
- Criar a Pastoral da visitação;
- Investir no estado permanente de missão;
- Fortalecer o COMIDE e COMIPA;
- Criar a Pastoral da Acolhida com véis missionários;
- Realizar programas de ação missionária unificado tendo Cristo como meta, envolvendo todos;
- Repensar o círculo bíblico como experiência missionária;
- Orientar para Pastoral Familiar acompanhamento as famílias em todos os setores;
- Ser presença junto às famílias feridas pelas mortes violentas;
- Abrir espaços na pastoral familiar para os diversos segmentos familiares, inclusive os de segunda união;
- Fortalecer a PASCOM

6 AVALIAR: CAMINHADA DO PLANEJAMENTO

6.1 MONITORAMENTO E AVALIAÇÃO DO PROJETO

A avaliação era uma prática do Povo de Israel. Desde o início de sua história, decidia-se e avaliava-se a caminhada através de assembleias (cf. Js 24,1-24). A avaliação marcou também a relação de Jesus com os Doze (Lc 14,25-33) e era uma prática na Igreja Primitiva (At 15,1-21).

A Avaliação é um aspecto constitutivo da ação pastoral. Avaliar é olhar a caminhada feita, procurando não perder a História construída e, acima de tudo, é olhar as perspectivas de futuro. É refletir sobre o processo em andamento e ver em que precisamos crescer. É sentir as conquistas que estão sendo feitas, valorizando o esforço individual e coletivo, para animar a caminhada. Avaliar é também mergulhar nas fragilidades e intervir para superá-las.

Monitoramento e avaliação são duas faces de uma mesma moeda que representa o cuidado e o interesse por determinar a qualidade efetiva do trabalho realizado. Entende-se o monitoramento enquanto processo de acompanhamento sistemático e descritivo dos processos de implementação do projeto, com o objetivo de garantir sua maior efetividade, mediante a verificação do seu ritmo de trabalho, o bom uso do tempo e dos recursos, a aplicação adequada das ações e competências previstas e necessárias, em relação aos resultados pretendidos.

O monitoramento é, portanto, uma atividade inerente ao ato de gerir realizado de forma contínua, sistemática e regular, visando determinar em que medida a implementação do projeto está sendo feita de acordo com o planejado e com as melhores possibilidades para a realização dos objetivos propostos.

A avaliação constitui-se no processo de medida e julgamento dos resultados parciais obtidos durante a implementação de um projeto e os integrados ao seu final. Entendendo-a numa perspectiva formativa, a avaliação é processual e, nesse sentido, acompanha o monitoramento, realizando um julgamento a respeito da eficácia das ações implementadas passo a passo, permitindo a correção necessária de rumos, ritmos e recursos processuais.

Os processos de monitoramento e avaliação são os mesmos, apenas o foco é diferenciado, envolvendo duas dimensões diferentes da mesma realidade: o monitoramento focaliza os processos, os meios de implementação do projeto e a avaliação focaliza os seus resultados conforme já destacado.

Importante ressaltar que a avaliação não deverá ser feita apenas na ótica das estatísticas ou dos resultados obtidos, mas na ótica da fé. “Nem sempre os resultados são mensurados e mensuráveis, porque a ação de Deus foge ao controle das nossas ações e percepções. Assim, como os 72 discípulos retornaram alegres da missão que Jesus lhes havia confiado, queremos também fazer do ato de avaliar um momento de vivência positiva, alegre e entusiasmada do nosso projeto.

Tanto o monitoramento como a avaliação têm estágios ou etapas, a saber: coleta de dados, registro e sistematização de dados, análise, interpretação de dados e descrição de resultados, compartilhamento e disseminação dos resultados com a rede de comunidades e utilização dos resultados na reformulação do projeto e na formulação de novas linhas de ações.

Os instrumentos para orientar o monitoramento e avaliação devem ser construídos pelo CDP, instancia de acompanhamento da vida pastoral, a partir do projeto. Seu conteúdo determina a elaboração de fichas, e outros instrumentos para orientar a observação e o registro dos dados e o seu acompanhamento.

ANEXO 1

COMPREENDENDO ALGUNS CONCEITOS

Em nossa ação evangelizadora, quando se trata de organizar o andamento de nosso trabalho pastoral, facilmente confundimos alguns conceitos. Por isso, apresentamos a definição de alguns termos:

- **PLANEJAMENTO** é o processo de tomar decisões sobre o trabalho a ser feito. Ele acompanha todo o trabalho que se vai realizando. O próprio planejamento é que vai indicando os caminhos para serem seguidos. O planejamento nunca termina, é um processo permanente. Não se faz numa reunião.
- **PLANO** é o registro por escrito das decisões tomadas em conjunto. É o resultado concreto do planejamento. O plano vai sendo redigido de acordo com as etapas do planejamento. Pode ser modificado, no decorrer da caminhada, ou mesmo ao final, se ou quando se percebe que há a necessidade de correção, ou de algum acréscimo. O plano é para ser usado, consultado, anotado, revisto. Deve ter um prazo definido para ser executado. Depois, deve ser avaliado.
- **PRIORIDADES** são frentes de ação escolhidas por todos para serem postas em primeiro lugar. Elas têm a primazia sobre todo outro tipo de ação pastoral. Devem ser levadas em conta por todas as comunidades, pastorais, movimentos que elaboram projetos de ação.
- **PROGRAMAS** são indicações gerais de ação, em que se descrevem os pormenores e as intenções da Diocese/ paróquia como um todo. São as grandes linhas de orientação pastoral. Formam a plataforma de ação pastoral de toda a Diocese/paróquia em conjunto.
- **PROJETOS** são os empreendimentos, eventos, obras, ações a serem realizados por determinada comunidade, pastoral ou movimento, dentro de determinado tempo, por determinadas pessoas, em favor de determinados objetivos. Cada projeto é apresentado com seus prazos, datas, locais, agentes e destinatários. Os projetos devem ter em conta as prioridades e os programas gerais da Diocese/paróquia. É pela execução do cronograma dos projetos que o plano vai sendo posto em prática.
- **CALENDÁRIO** é o conjunto de todos os eventos a serem realizados no decorrer de cada ano. Deve ser elaborado ao final de cada ano, em vista do ano seguinte. É feito por todos os agentes de pastoral (coordenadores de comunidades, pastorais, movimentos, organismos, etc.), levando em conta as prioridades, programas e projetos comuns a toda a Diocese/paróquia. Nele constam as datas, horários, atividades e locais de cada evento. Trata-se de uma agenda diocesana/paroquial, que seja fiel ao Plano de Pastoral, com suas prioridades, programas e projetos.

(Fonte: anuário da CNBB NE3, 2019)

PRINCÍPIOS DA AÇÃO EVANGELIZADORA DA DIOCESE DE AMARGOSA (2020-2023)

Planejamento é o processo de tomar decisões sobre o trabalho a ser feito. Ele acompanha todo o trabalho que se vai realizando. O próprio planejamento é que vai indicando os caminhos para serem seguidos. O planejamento nunca termina, é um processo permanente.

Com o olhar em nossos objetivos e metas traçaremos linha de ações para nosso próximo quadriênio

CELEBRAR: VIVER DEUS NA COMUNIDADE E NA SOCIEDADE

Celebrar é festejar e comemorar tudo o que a vida proporciona, tendo na fé da esperança do Cristo Ressuscitado como meta, aquele que vence toda situação de morte e pecado, o que gera sofrimentos e flagelos da desumanidade e que precisam ser revertidos.

O celebrar é realizar a civilização do amor, da esperança e da fé de que um mundo melhor é possível, de que o Reino de Deus se faz aqui e agora na realidade em que se vive - é viver Deus na comunidade e na sociedade.

Segue o calendário diocesano com datas que propiciam o viver Deus na comunidade e na sociedade.

CARTAZ DO PROJETO DIOCESANO DE PASTORAL 2020-2025

Há mais de 20 anos, a Diocese de Amargosa entende a Igreja como Rede de Comunidades. É na comunidade, chão de nossas vidas, que se concretiza e, podemos dizer, torna-se palpável toda a ação pastoral.

O cartaz do Projeto Diocesano de Pastoral, 2020-2023, apresenta-nos a vivência em comunidade, fundamentada nos pilares da Palavra, do Pão, da Caridade e da Ação Missionária. Estes pilares são elementos que se interlaçam e não podem ser entendidos isoladamente, por isso eles não estão ordenados.

PILAR DA PALAVRA: A comunidade é chamada a ser lugar de animação bíblica da Pastoral, bem como, casa de Iniciação Cristã, lugar da escuta da Palavra, dos círculos bíblicos, da Palavra celebrada. Estas características na imagem são expressas por meio da Bíblia elevada.

PILAR DO PÃO: A vida litúrgica da comunidade é “ponto de partida e de chegada da ação da Igreja e toda a vida Cristã” (cf. SC, n.10). O Pão, que em nossa cultura expressa muitos sinais, ao mesmo tempo, é alimento universal, que simboliza partilha, fartura, solidariedade, é também a máxima expressão na nossa oração por meio da Liturgia.

PILAR DA MISSÃO: O chão de nossa Diocese, lugar de ação e de verdadeiro testemunho de missão, é representado pelo povo que se coloca a caminho (cor marrom) para anunciar aquilo que experimentou na vida da comunidade para que outros possam fazer o mesmo, sendo uma Igreja em saída.

PILAR DA CARIDADE: No caminho, também está a pessoa de Santa Dulce dos Pobres, ícone e expressão daquela que via Jesus Cristo na pessoa do pobre, dos excluídos. É, de forma clara para nós, exemplo de uma Igreja-Comunidade na sua opção preferencial pelos pobres. É a expressão do Verdadeiro amor Cristão.

O triângulo na mão do tocador é sinal de uma comunidade animada pela escuta da Palavra, pela animação da vida litúrgica, pelo exercício da caridade e por estar de portas sempre abertas.

A Igreja-Comunidade é sinalizada pelos traços de uma Igreja Comum, onde as pessoas estão em movimento de acolhida a quem chega e de envio a quem está partindo em missão.

Somos iluminados pelo verdadeiro Sol (astro com luz própria), Nosso Senhor Jesus Cristo, “Sol nascente que nos veio visitar” (Lc 1,78). Nós somos a lua (astro que não tem luz própria) que do Sol recebe seu brilho e ilumina a terra. Assim, somos chamados a iluminar o mundo com a luz que recebemos no nosso batismo. Sabemos que neste paradoxo entre luzes e trevas, noite e dia, Jesus está sempre presente, é o mesmo Ontem, Hoje e Sempre (Hb 13,8).

Nos quatro cantos da imagem estão simbolizados os quatro cantos do chão da nossa Diocese, a partir de seus dois Biomas (Caatinga e Mata Atlântica), que se desdobram em realidades de ecossistemas: o mar (ecossistemas dos manguezais, praias) que traz a realidade de nosso litoral com suas comunidades ribeirinhas, pescadores(as), marisqueiros(as); o galho verde, representando todas as nossas comunidades do Vale, as comunidades tradicionais (os quilombolas) e o recôncavo; o cacto que simboliza a caatinga, o semiárido, sinal de resistência do “Povo de Deus” que, marcado pela fé, esperança e amor, convive com a seca.